

Edifício Metr pole: um diálogo entre arquitetura moderna e cidade. Um estudo de caso em São Paulo

Autor: Jaime Cunha Junior

Forma o: Mestre pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (2007)

Filia o: Jaime Cunha e Maria de Lurdes Oliveira Cunha

Endereço para correspondência: Alameda Gabriel Monteiro da Silva, 1310 – conjunto 61 – Jardim Paulistano – São Paulo, SP - CEP 01442-000 - telefone: 011 94535451 – 011 30826834 ramal 15 – 021 93766043 – fax: 011 30826834 - email: jaimecunhajr@uol.com.br

Edifício Metr pole: um diálogo entre arquitetura moderna e cidade. Um estudo de caso em São Paulo

Resumo

O Edifício Metr pole e Centro Metropolitano de Compras, projetado pelos arquitetos Salvador Candia (1924-1991) e Gian Carlo Gasperini (1926),   um importante exemplar da produ o arquitetônica moderna realizada na cidade de São Paulo na década de 1960, em razão das rela es que estabelece com o espaço urbano.

O edifício situa-se na Avenida São Luiz, segmento do sistema viário concebido por Francisco Prestes Maia em seu Plano de Avenidas de 1930, implantado ao longo dos anos de 1940. A inser o urbana do Edifício Metr pole revela a preocupa o de seus autores em conciliar a forma arquitetônica moderna com os arranjos espaciais presentes na cidade tradicional. A busca por este diálogo resultou em uma soluço que  , ao mesmo tempo, a repara o das descontinuidades espaciais presentes em seu entorno urbano; e a inova o nas rela es que o edifício estabelece com o mesmo ao oferecer um espaço interno contínuo ao exterior no âmbito de seu embasamento, propondo sobre este, um edifício isolado, livre das contingências presentes na cidade existente.

A análise do projeto compreendeu uma caracteriza o de seu contexto urbano; o entendimento das condi es históricas que deram origem e possibilitaram a constru o do edifício; e, principalmente, o estudo dos desenhos iniciais desenvolvidos pelo arquiteto Gian Carlo Gasperini na ocasião do concurso fechado de projetos que deu origem ao edifício, passando pelo material produzido durante a parceria com o arquiteto Salvador Candia, até a versão original do projeto publicada pela revista *Habitat* em 1960.

Edifício Metr pole: a dialogue between modern architecture and the city. A case study in São Paulo

Abstract

The Edifício Metr pole e Centro Metropolitano de Compras, or Edifício Metr pole for short, a building designed by the architects Salvador Candia (1924-1991) and Gian Carlo Gasperini (b. 1926), is an important specimen of the modern architectural production carried out in the city of São Paulo in the 1960s, on account of the relations it establishes with the urban space.

The building is located at Avenida São Luís, the unit of the roadway system conceived by former São Paulo mayor Francisco Prestes Maia in 1930 as part of his *Plano de Avenidas*, or Thoroughfare Plan, and implemented throughout the 1940s. The urban insertion of the Edifício Metr pole evidences the preoccupation of its authors with harmonizing the modern architectural form with the spatial arrangements found in the traditional city. The search for this dialogue resulted in a solution that is both the reparation of the spatial discontinuities found in its urban surroundings and the innovation in the relations that the building establishes with them, as it provides an internal space adjacent to the external surface within its basement and proposes the construction on the latter of an isolated building, free from the contingencies found in the existing city.

The analysis of the design included a characterization of its urban context; an understanding of the historical conditions that originated and made possible the construction of the building; and mainly the study of the original drawings made by the architect Gian Carlo Gasperini for the closed design contest that originated the building, going from the material produced during his association with the architect Salvador Candia, through the original version of the design published by *Habitat* magazine in 1960.

Palavras-chave \ Key words

Arquitetura Moderna – São Paulo, SP, Brasil
Candia, Salvador
Gasperini, Gian Carlo

Modern Architecture – São Paulo, SP, Brazil
Candia, Salvador
Gasperini, Gian Carlo

EDIFÍCIO METRÓPOLE: UM DIÁLOGO ENTRE ARQUITETURA MODERNA E CIDADE. UM ESTUDO DE CASO EM SÃO PAULO ¹



Figura 1 – A fotomontagem com a inserção urbana do Edifício MetrÓpole publicada em 1960 pela revista Habitat. Fonte: Acervo pessoal Gian Carlo Gasperini.

1. INTRODUÇÃO

Em março de 1960, a Revista Habitat trouxe como capa da edição número 59, o projeto do conjunto de edifícios “Maximus” - mais tarde denominado Edifício MetrÓpole e Centro Metropolitano de Compras - de autoria dos arquitetos Salvador Candia e Gian Carlo Gasperini.

Ao longo das sete páginas dedicadas à apresentação do projeto, a publicação apontou em seu texto as qualidades daquele novo empreendimento imobiliário, destacando sua relação com as transformações urbanísticas que modificavam o espaço urbano da área central da cidade de São Paulo. E o conjunto de inovações programáticas presentes em seu projeto arquitetônico, organizado de forma arrojada, que pontuaria uma das principais esquinas da região central, o cruzamento da Avenida São Luis com a Praça Dom José Gaspar.

¹ Este texto foi extraído da dissertação de mestrado do autor, “Edifício MetrÓpole: um diálogo entre arquitetura moderna e cidade” desenvolvida no curso de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profª Drª Regina Maria Prospero Meyer, apresentada e aprovada em março de 2007 em São Paulo pela banca formada pelos professores doutores Luis Espallargas Gimenez (PUC-Campinas) e Gian Carlo Gasperini (FAUUSP).

A iniciativa de construção do edifício teve sua origem com a organização de um concurso fechado de projetos, onde foram convidados os arquitetos David Libeskind (1928), Gian Carlo Gasperini (1926), Jorge Wilhelm (1929) e Salvador Candia (1924-1991).

Finalistas do concurso, Candia e Gasperini desenvolveram conjuntamente o projeto final do edifício, onde foram preservados diversos aspectos das propostas apresentadas por eles.

Segundo a análise desenvolvida neste trabalho, que contemplou todo o material gráfico produzido durante o desenvolvimento do projeto desde a etapa do concurso até a sua versão final, houve por parte de seus autores o entendimento de que a concepção do partido arquitetônico do edifício deveria ser resultado da análise urbana. E assim o projeto do edifício estaria apto a atender as transformações que aconteciam sobre aquele contexto urbano.

Antes de adentrarmos na apresentação desta análise, deve-se mencionar que contemporaneamente a construção do edifício, realizada entre os anos de 1958 e 1964, em 1960 inaugurava-se Brasília, nova capital federal do país, segundo o plano urbanístico de Lucio Costa. A sua construção colocou integralmente em prática os preceitos arquitetônicos e urbanísticos modernos definidos pela Carta de Atenas de 1933, cujo conteúdo, muito polemizado mais tarde, orientava a construção de uma cidade moderna compreendida segundo quatro funções principais: habitar, trabalhar, lazer e circulação.

Tal realização se diferenciava diretamente da tarefa de modernização do espaço urbano das cidades brasileiras, aonde a aplicação dos preceitos arquitetônicos e urbanísticos modernos teria que lidar com cidades existentes. No caso da cidade de São Paulo, o crescimento de sua mancha urbana e o surgimento da metrópole paulista levou o poder público a apostar em um conjunto de obras viárias que tinham como objetivo preparar a região central e orientar o crescimento da cidade para as décadas seguintes. E assim, em 1930 foi publicado o “Estudo para um Plano de Avenidas para a cidade de São Paulo”, concebido por Francisco Prestes Maia e Ulhôa Cintra.

A partir dos anos 1940, alguns dos projetos propostos pelo plano foram executados, resultando em obras de grande impacto sobre a região central, ao mesmo tempo em que o desenvolvimento do mercado imobiliário permitiu que fosse colocado em prática um conjunto de experiências arquitetônicas que, assistidas pelo controle municipal, protagonizaram, ao lado dos grandes viadutos e túneis, a tarefa de modernizar o espaço urbano da cidade de São Paulo.

Junto às principais avenidas e cruzamentos da região central começavam a pontuar na paisagem os edifícios Esther, com projeto de Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho em 1935; a sede do jornal “O Estado de S. Paulo”, com projeto de Jacques Pilon e Adolf Franz Heep de 1946; o Montreal (1950), Copan (1951) e Eiffel (1952), projetados por Oscar Niemeyer; o Itália, com projeto de Adolf Franz Heep (1956); e o Metrópole, com projeto dos arquitetos Salvador Candia e Gian Carlo Gasperini em 1960.

A concepção arquitetônica e urbanística de alguns destes edifícios ajustou-se ao conceito dos

“*pontos focais*” proposto pelo Plano de Avenidas. Nestes casos a relação entre o novo edifício e a paisagem urbana seria analisada pelo poder público segundo critérios específicos afim de se evitar a descontinuidade entre edifícios vizinhos e a permanência das empenas laterais na paisagem.² Procurava-se desse modo dotar o desenho dos quarteirões de alguma legibilidade, por meio da *orquestração*³ dos principais cruzamentos e eixos viários do sistema proposto.

Neste contexto, o Edifício MetrÓpole se apresenta como um importante exemplar da arquitetura moderna realizada em São Paulo, na medida em que seu partido arquitetônico nasce exatamente neste momento crucial da modernização urbanística da cidade e, principalmente, de seu Centro. A inserção urbana do edifício estabelece a mediação entre as largas avenidas projetadas por Prestes Maia, e a estrutura urbana remanescente que mantinha o padrão de urbanização anterior, representado pelas antigas relações dos edifícios e as vias públicas, a dimensão dos lotes e arruamentos.

2. O CONCURSO DE PROJETOS – A PROPOSTA DE GIAN CARLO GASPERINI⁴

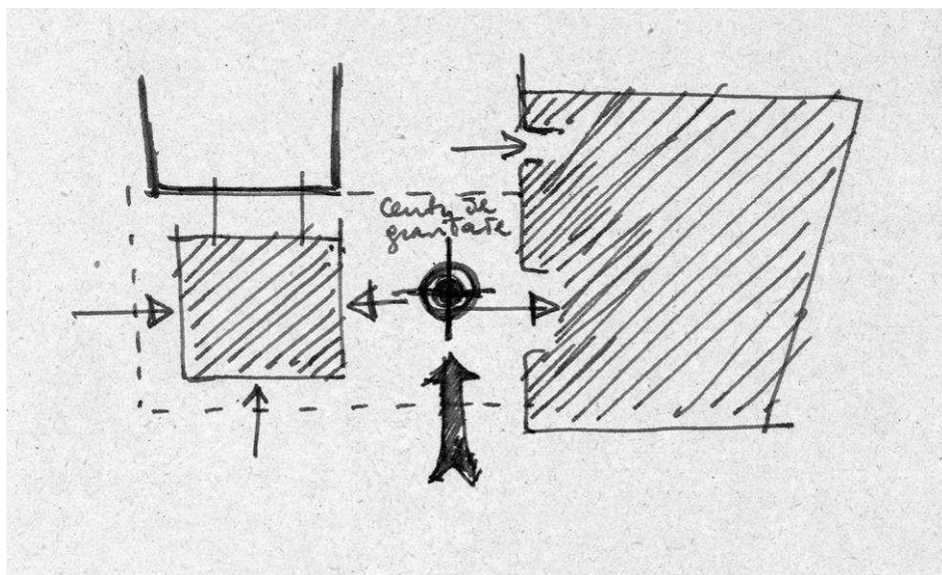


Figura 2 - Croqui explicativo do partido arquitetônico. Fonte: Acervo pessoal Gian Carlo Gasperini.

² Conforme o estudo desenvolvido em minha dissertação de mestrado, apresentado no capítulo de número 1. Para mais detalhes consultar: CUNHA JR., Jaime. Edifício MetrÓpole: um diálogo entre arquitetura moderna e cidade, dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

³ RECAMÁN, Luiz. Oscar Niemeyer: forma arquitetônica e cidade no Brasil Moderno. Tese de doutoramento – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. p. 189.

⁴ Todo o processo de desenvolvimento do projeto do Edifício MetrÓpole foi pesquisado a partir de fontes primárias, neste caso os esboços e desenhos originais, além do acervo pessoal do arquiteto Gian Carlo Gasperini, gentilmente cedidos para desenvolvimento deste trabalho. Trata-se de um material ainda inédito, que traz grande contribuição à compreensão das questões que balizaram o desenvolvimento do projeto até a sua construção. Infelizmente, não foram localizados em igual proporção os estudos desenvolvidos pelo arquiteto Salvador Candia na ocasião do concurso fechado. A comparação entre todo o material pesquisado permitiu arriscar algumas deduções a respeito da contribuição de cada um de seus autores, em muitos casos amparadas em depoimentos, entrevistas e outros trabalhos acadêmicos que trataram direta ou indiretamente da atividade profissional destes dois profissionais.

A proposta apresentada por Gian Carlo Gasperini ao concurso de projetos do conjunto de edifícios “Maximus” nasceu de uma diretriz urbanística: a criação de uma passagem interna no lote, que estabelece ligação entre os passeios públicos das ruas Basílio da Gama e Dom José Gaspar.

A versão preliminar do memorial descritivo da proposta menciona a importância de tal acesso para a vitalidade das atividades comerciais, e seu valor na estruturação do partido arquitetônico, que originou, segundo as próprias palavras do arquiteto o “*centro de gravidade*”⁵ de todo o edifício.

A análise urbanística também comparece na preocupação do arquiteto em dar continuidade à volumetria das edificações contíguas e em fazer o arremate dos paredões nus; das áreas de serviços; e dos fundos dos lotes que se voltavam diretamente para o terreno.

Analisando a situação urbanística da quadra no qual se incorpora o lote, verificou-se que a diferença de gabaritos existente nos lotes contíguos favorecia uma solução de ‘torre’ para o prédio de escritórios, ‘encostado’, por assim dizer, à empena do edifício limítrofe na rua São Luis [sic], formando o fecho da quadra com frente para o jardim da Biblioteca Municipal.⁶

Os estudos iniciais desenvolvidos durante a etapa do concurso de projetos são variações em torno desta questão. De modo geral, entre todo o conjunto de desenhos analisados identificamos a presença de duas hipóteses, ou partidos arquitetônicos, que redundaram na proposta final apresentada ao concurso.

Estes dois partidos se diferenciam pelo modo com o qual operam a relação entre o programa proposto e a sua formalização estudada em diferentes configurações. Em um primeiro caso, pela criação de dois edifícios distintos que abrigam os programas da galeria comercial e o do edifício de escritórios; no outro – partido posteriormente adotado – os estudos exploravam, sem comprometer a independência dos programas e a dos volumes, a solução de um único edifício. Em ambos os casos, sempre mantendo evidente na solução formal a especificidade do programa ao qual se destina.

A ordem em que estes estudos são apresentados corresponde a nossa hipótese acerca de sua cronologia, que utilizou como critério, além da proximidade com a solução final, as indicações dadas pelo seu autor, e o nível de aprofundamento demonstrado pelos desenhos, na medida em que o processo de desenvolvimento do projeto, muitas vezes, retoma idéias desenvolvidas no seu início.

Segundo esta cronologia, após a definição do partido arquitetônico os estudos evoluíram do seguinte modo: primeiro, dedicando-se ao estudo da relação entre o bloco vertical do edifício de escritórios e o entorno urbano; segundo, aprofundando as soluções de cada um dos programas propostos como o estacionamento de veículos, a disposição das atividades internas da galeria

⁵ GASPERINI, Gian Carlo. Versão preliminar do memorial descritivo da proposta apresentada por Gian Carlo Gasperini no concurso fechado de projetos do Conjunto de Edifícios “Maximus”. Acervo pessoal Gian Carlo Gasperini s.d.

⁶ Idem.

comercial, a solução dos elementos de vedação e localização das aberturas, os esquemas de circulação vertical e horizontal, e a solução estrutural.

2.1 DOIS EDIFÍCIOS E UMA PRAÇA CÍVICA

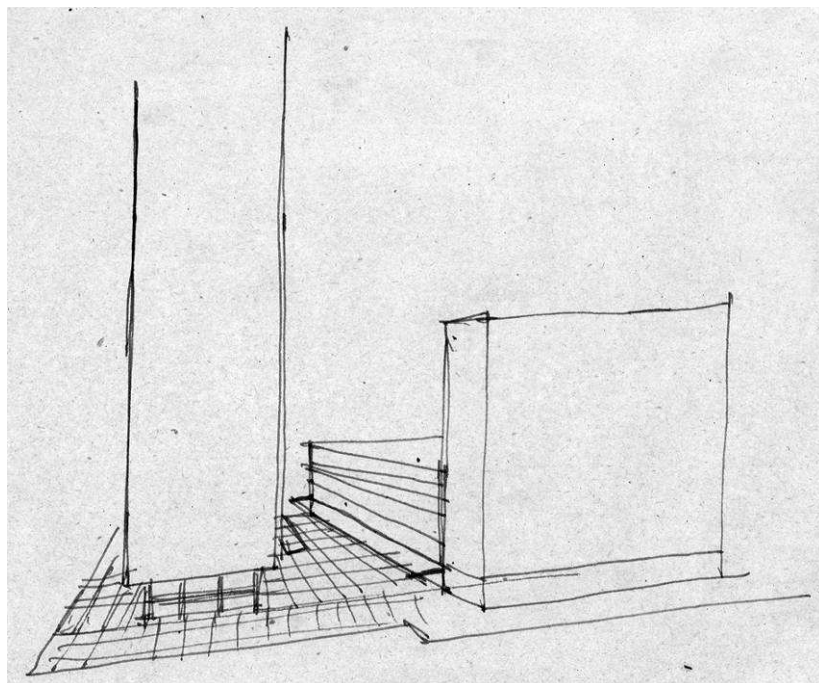


Figura 3 - Estudo com dois edifícios separados pela extensão dos passeios públicos das ruas Basílio da Gama e Dom José Gaspar. Fonte: Acervo pessoal Gian Carlo Gasperini.

Inicialmente, Gian Carlo Gasperini propôs uma praça nivelada com o passeio público contíguo, que ocupa toda a frente do terreno, inclusive a esquina da avenida São Luiz com a rua Dom José Gaspar.

A nova praça, totalmente pavimentada, se conjuga ao espaço arborizado da praça Dom José Gaspar. Juntas, resultariam num espaço contínuo de lazer e desafio do conjunto edificado existente.

A sua criação, somada à extensão da rua Basílio da Gama na forma de uma passagem de pedestres que atravessa continuamente o terreno, são os elementos de organização do novo espaço edificado; como um negativo do espaço vazio, resulta em dois edifícios implantados sobre os fundos e as laterais das construções vizinhas.

O bloco de menor altura – totalmente encravado no interior da quadra – teria apenas uma única possibilidade de fachada, cuja face lateral se manteria alinhada ao plano lateral da edificação vizinha voltada à praça Dom José Gaspar.

No nível térreo, o esboço da proposta sugere a criação de um plano contínuo de vitrines voltado para o passeio público recém criado. Funcionalmente, o volume mais baixo corresponde à galeria

comercial e o bloco vertical – com gabarito coerente ao dos edifícios construídos na Avenida São Luiz - abrigaria os conjuntos comerciais para uso de escritórios.

Em uma variação deste mesmo estudo, o percurso ao longo da faixa contínua de vitrines do bloco de menor altura se mostra protegido pela inserção de uma marquise que gentilmente acolheria o percurso aberto pela rua interna.

O bloco vertical, implantado na continuidade da massa construída que se desenvolve deste a Praça da República, arremata a empena lateral da construção vizinha - o Edifício Princesa Isabel - e estabelece uma relação de frontalidade com o espaço livre da praça Dom José Gaspar, numa composição do espaço urbano muito semelhante à presente no projeto do Edifício Seagram, de autoria do arquiteto Mies van der Rohe, construído na cidade de Nova York entre 1954 e 1958.

Tal constatação demonstra que o problema da visualidade do edifício no tecido urbano, também se faz presente na maneira como o seu volume se justapõe às edificações contíguas.

Retomando a solução proposta por Gasperini no estudo para o projeto do Edifício Metrópole, os fundos das duas novas edificações são espelhados contra as empenas das construções vizinhas, garantindo assim a qualidade visual do conjunto urbano com o qual a nova praça – criada pelo projeto - estaria diretamente dialogando.

Embora a torre conquiste uma posição de destaque na perspectiva da avenida São Luis, formalmente os dois edifícios propostos estão submetidos a uma idéia de continuidade do conjunto edificado, onde o quarteirão é a unidade mínima de construção do espaço urbano. A solução de suas implantações reproduz a lógica dos edifícios vizinhos – construídos na mesma quadra - que mantiveram o padrão de implantação daqueles existentes no triângulo central.

2.2 A PROPOSTA FINAL DO CONCURSO

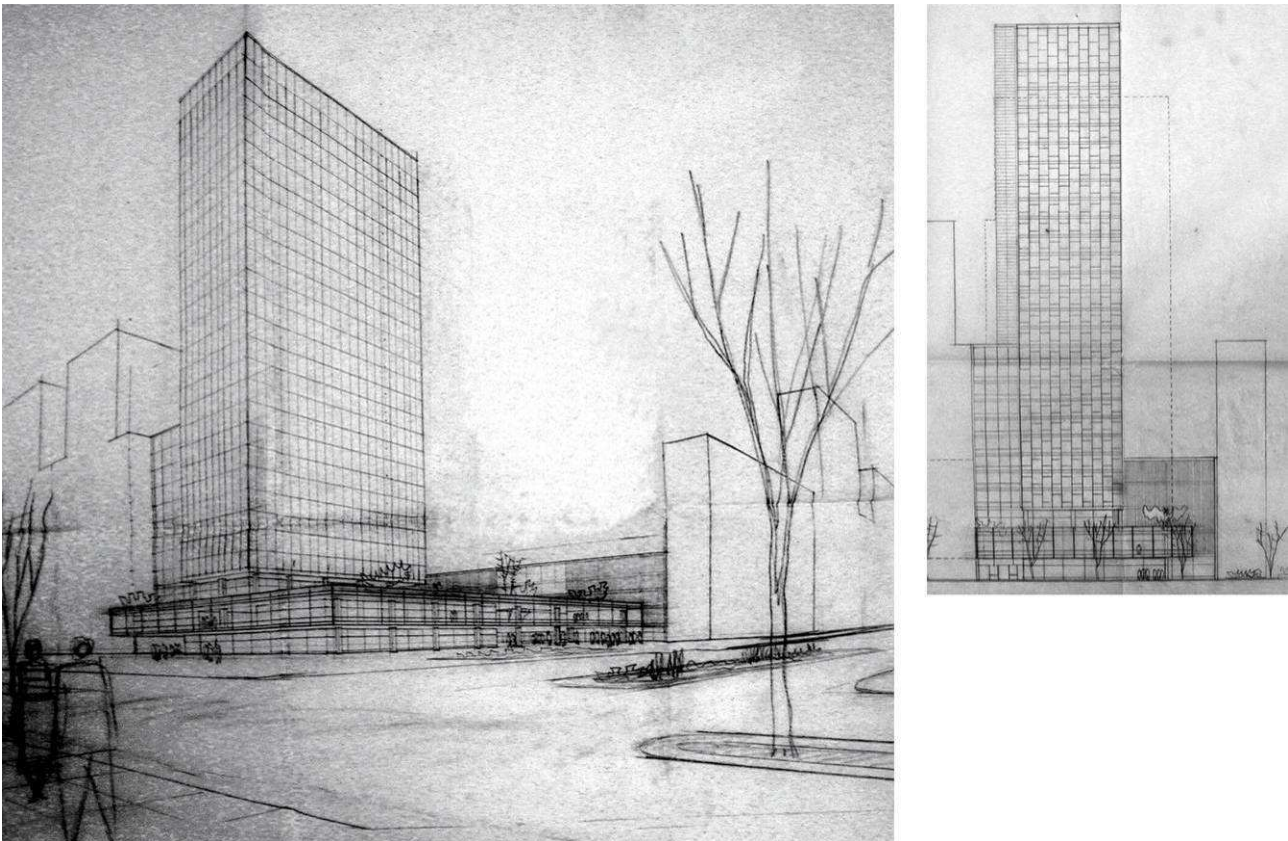


Figura 4 - Perspectiva e elevação da proposta encaminhada por Gian Carlo Gasperini. Neste caso os dois edifícios são interligados com a criação de uma base que ocupa todo o perímetro do lote e preserva a passagem interna de pedestres. Fonte: Acervo pessoal Gian Carlo Gasperini.

A proposta final encaminhada ao concurso de projetos originou-se da segunda hipótese esboçada pelo arquiteto. Estes estudos mantiveram a correspondência entre a volumetria do edifício e o programa proposto, mas propõem uma outra solução para a sua volumetria, ao prever um bloco horizontal que sustenta todo o conjunto e incorpora de maneira menos óbvia a passagem de pedestres que agora cruza o interior da galeria comercial.

Tal solução é a evolução de um primeiro estudo que já trazia o bloco vertical do edifício de escritórios apoiado e isolado sobre uma plataforma menos pronunciada, ligeiramente elevada do nível do passeio público existente o suficiente para configurar uma superfície distinta e sugerir uma relação de autonomia entre o edifício – tratado como monumento - e o seu contexto urbano.

Em outro desenho, ao elevar radicalmente o piso da plataforma e transformá-la em terraço-jardim, a solução retomou a fluidez outrora esboçada para a passagem de pedestres, quando eram propostos dois edifícios. Sobre o embasamento, o bloco vertical reaparece implantado contra a lateral cega do Edifício Princesa Isabel.

Podemos dizer que a solução final apresentada por Gasperini no concurso de projetos resultou de uma interpretação das informações presentes no contexto urbano. Suas justificativas no memorial descritivo do projeto tornam evidente a relevância deste contexto ao desenvolvimento da proposta:

Analisando a situação urbanística da quadra no qual se incorpora o lote, verificou-se que a diferença de gabaritos existentes nos lotes contíguos favorecia uma solução de “torre” para o prédio de escritórios, “encostado”, por assim dizer, à empena do edifício limítrofe na rua (sic) São Luiz, formando o fecho da quadra com frente para o jardim da Biblioteca Municipal. Desta forma resultava que o remanescente da área construída do lote tinha que ter uma solução de altura limitada ao máximo de 11 pavimentos formando conjunto com o prédio limítrofe na Praça Dom José Gaspar. Esta solução urbanística permitia por em destaque o prédio de escritórios, isolando-o em 3 faces e valorizando desta forma sua expressão arquitetônica.⁷

Ao assumir o contexto como um problema presente na solução formal do novo edifício (a descontinuidade dos gabaritos entre os lados da mesma quadra, o escalonamento sucessivo dos edifícios, as empenas laterais que remetem ao desenho do quarteirão, a continuidade dos planos das fachadas principais e a relação com os alinhamentos das construções vizinhas), a solução encontrou os meios de criar as exceções que definem o seu espaço arquitetônico.⁸

No entanto, a proposta resultava numa solução incoerente. Pois no momento em que o bloco vertical voltou a “ajustar” a empena da edificação contígua, o embasamento do edifício deixou de ser explorado em sua máxima potencialidade - permitir total autonomia ao bloco vertical sobreposto.

Funcionalmente, o edifício de escritórios e a galeria comercial são tratados como unidades autônomas, com acessos e vida independentes. Para o Edifício Metrópole era proposto um único acesso voltado para a avenida São Luiz ao lado do Edifício Princesa Isabel, com ligação exclusiva ao espaço interno da galeria.

Para a galeria comercial, estavam planejados dois acessos: o primeiro, voltado para a rua Dom José Gaspar, ao lado do edifício contíguo; o segundo, na rua Basílio da Gama.

Entre o edifício de escritórios e o volume da galeria comercial, incidindo sobre o “*centro de gravidade do conjunto*”, haveria um recorte nas lajes do embasamento, criando um “vazio” que comunicaria visualmente os níveis superiores com o eixo de passagem de pedestres que cruza o pavimento térreo.

O piso da segunda sobreloja avança sobre todo o alinhamento do terreno e ocupa o espaço aéreo do passeio público por meio de amplas varandas que atendem a circulação interna da galeria.

⁷ GASPERINI, Gian Carlo. Versão preliminar do memorial descritivo da proposta apresentada por Gian Carlo Gasperini no concurso fechado de projetos do Conjunto de Edifícios “Maximus”. *Op. cit.*

⁸ Conforme a formulação feita por Vittorio Gregotti em Território e arquitetura, onde afirma: “(...) O projeto deve condizer com a tradição reguladora do estilo e *métier*. Mas o que confere veracidade e concretude a essa tradição é sua compatibilidade com o sítio, pois somente percebendo o local como um ambiente específico podem aflorar as exceções que geram a arquitetura. GREGOTTI, Vittorio. Território e arquitetura. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995) São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 375.

Estas varandas foram concebidas como “*passeios sobrepostos*”⁹ abrindo-se diretamente à perspectiva da avenida São Luiz e da praça Dom José Gaspar.

Ao longo da varanda, a solução dos caixilhos e dos guarda-corpos trata-os como uma única peça e assemelha-se a solução adotada no projeto do Pavilhão Alemão, construído para a Exposição Universal realizada em Bruxelas em 1958, de autoria do arquiteto alemão Egon Eiermann.¹⁰

A partir da segunda sobreloja, o volume da galeria se destaca do embasamento entre os edifícios vizinhos e ganha visibilidade na avenida São Luiz. Em seu interior, entre a segunda e a terceira sobreloja, foi proposta, por iniciativa do arquiteto, uma sala de cinema com capacidade máxima de 1500 lugares.

Externamente, a única fachada existente no volume da galeria foi revestida com lambris de madeira e, ao centro, na continuidade do corredor, o interior abre-se para o exterior em toda a extensão permitida pelo módulo estrutural.

Sob o edifício, foram propostos três níveis de subsolo para estacionamento de veículos, com acesso e saída para a rua Basílio da Gama. Internamente, a partir do estacionamento, seria possível acessar o núcleo de circulação vertical do Edifício Metrópole.

Os 24 pavimentos do bloco vertical foram resolvidos em duas soluções para o andar tipo. No primeiro caso, que ocorre entre o 1º e o 9º pavimento, o edifício se mantém encostado na edificação vizinha por meio de um corpo de menor altura, recuado em relação aos planos das fachadas do volume principal.

Entre o 10º e 24º pavimentos, o andar-tipo adquire uma segunda solução em que o volume anexo perde profundidade com a eliminação de dois conjuntos comerciais. A partir do 10º pavimento, o bloco vertical prossegue em altura, mas recuado na face do alinhamento do terreno.

2.3 O PROJETO FINAL – A PARCERIA ENTRE CANDIA E GASPERINI

Com o início da parceria entre Salvador Candia e Gian Carlo Gasperini, o projeto deveria combinar os melhores aspectos de cada uma das propostas finalistas no concurso. Conforme observamos na introdução deste trabalho, não foi possível localizar nenhum dos desenhos produzidos por Salvador Candia para o concurso fechado.

Como fonte de pesquisa, além dos estudos produzidos pelo arquiteto Gasperini durante essa etapa, pudemos recorrer à consulta de uma parte do material produzido pelo escritório - desenhos técnicos em versões preliminares do projeto - durante esta parceria; e a consulta sobre alguns dos depoimentos concedidos pelos autores, localizados em nossa pesquisa bibliográfica¹¹, além das

⁹ GASPERINI, Gian Carlo. Versão preliminar do memorial descritivo da proposta apresentada por Gian Carlo Gasperini no concurso fechado de projetos do Conjunto de Edifícios “Maximus”. *Op. cit.*

¹⁰ Trata-se de um tema recorrente na obra deste arquiteto. Como veremos adiante, quando analisarmos o projeto original do edifício Metrópole, esta solução e sua semelhança com os projetos de Eiermann, foi mantida.

¹¹ Neste sentido, o trabalho de graduação desenvolvido por Mariana Limeira Kunni (2000) merece ser consultado. KUNNI, Mariana Limeira. Salvador Candia. Trabalho de Graduação Interdisciplinar - Universidade Mackenzie, São Paulo, 1999.

conversas e esclarecimentos que pessoalmente foram feitos pelo arquiteto Gian Carlo Gasperini para realização deste trabalho.

Segundo o arquiteto Gasperini, o grande diferencial entre as duas propostas apresentadas no concurso estava no modo como resolviam o posicionamento do bloco vertical sobre o embasamento do conjunto e a solução da passagem entre as ruas Basílio da Gama e Dom José Gaspar. A proposta apresentada por Salvador Candia liberava integralmente as quatro fachadas do bloco vertical ao isolá-lo sobre o embasamento, enquanto Gasperini o implantava sobre a empena do edifício contíguo. Para a solução do embasamento, a proposta de Candia também ocupava todo o espaço com o programa da galeria comercial, mas não previa a articulação entre as ruas Basílio da Gama e Dom José Gaspar e a sala de cinema.

O depoimento concedido pelo arquiteto Candia durante sua participação no evento “Arquitetura e Desenvolvimento Nacional”, organizado e sediado no Instituto de Arquitetos do Brasil, na cidade de São Paulo em 1979, reitera a sua preferência pela solução da torre isolada:

(...) Ai veio o prédio da rua São Luís. Foi um concurso e o Gasperini e eu, com projetos diferentes, ganhamos. Na hora de executar, o projeto que parece que respondia mais às implicações não só econômicas, não só materiais, mas inclusive apresentava uma abordagem nova, era o meu. O que ele tinha de novo? Tinha torre solta, foi a primeira torre solta que se fez em São Paulo. Isto pode parecer uma coisa vulgar, mas não era na época.

Os desenhos elaborados por Gasperini durante a parceria com Candia, retomam o tema do edifício isolado sobre o embasamento.

A liberação do bloco aproximou o edifício do esquema adotado nos projetos dos edifícios Lever House, construído em 1952, na Park Avenue em Manhattan, de autoria dos arquitetos Gordon Bunshaft e Skidmore, Owings & Merrill; do edifício-sede da embaixada da Nova Zelândia em Londres, a “New Zealand House”, de autoria dos arquitetos Robert Mathew e Johnson Marshall, construído entre 1959 e 1963 na região central da cidade ao lado dos teatros vitorianos de Haymarket; e, finalmente, do projeto do edifício de escritórios da Companhia SAS e Hotel Royal, do arquiteto Arne Jacobsen, construído entre 1956 e 1961, em Copenhague.

Ambas as soluções enfrentam o lote urbano acionando o uso do embasamento e liberam o arranha-céu moderno das contingências presentes na cidade tradicional. Se, formalmente, estes projetos encontram alguma proximidade com nosso objeto de estudo, não é o caso dos programas propostos em seus interiores. A variedade programática proposta no Edifício Metrôpole, no nosso entender, encontra paralelo em outras experiências de maior escala, como nas “New Towns”, construídas na Inglaterra nos anos 1950.

A partir desta alteração, a planta do edifício de escritórios passou a ser objeto de uma série de estudos. O núcleo de circulação vertical foi deslocado da lateral do edifício para o centro da planta e as fachadas se tornaram equivalentes. O bloco vertical, desde o embasamento até sua

cobertura, passou a ser resolvido em uma única projeção, segundo uma única solução de planta, abandonando qualquer resquício dos recuos sucessivos, como os que definem a silhueta dos edifícios vizinhos. Internamente, abandonou-se a idéia de planta compartimentada, em função de um espaço mais flexível que possibilitasse diferentes configurações de ocupação do andar-tipo.

O desenho do núcleo de circulação vertical passou a concentrar, além dos elevadores e das escadas, toda a infra-estrutura de apoio, incluindo sanitários e copas, poços de ventilação mecânica, dutos e uma parte do sistema estrutural do edifício, dividido com os pilares localizados na sua periferia.

Segundo depoimento do arquiteto Gasperini ¹², o partido estrutural da torre de escritórios foi uma questão exaustivamente discutida entre os dois arquitetos. Influenciado pela experiência adquirida no projeto do Edifício Barão de Iguape (1956), quando ainda colaborava com Jacques Pilon, Gasperini defendia a liberação das esquinas do edifício e a solução dos pilares percorrendo externamente os planos da fachada. Segundo ele, Candia também desejava a presença da modulação estrutural no exterior do edifício, mas ancorando-o na base pelas suas extremidades, tal como foi construído.

A solução defendida por Gasperini está demonstrada numa versão preliminar do projeto, realizada em 1959. Os desenhos e as duas fotomontagens produzidas nesta ocasião mostram que a modificação dos vãos entre os pilares e a liberação das esquinas – neste caso, também os planos laterais do edifício – redundariam em uma construção substancialmente diferente. Nesta versão do projeto desaparecem, na solução da galeria comercial, as varandas que percorriam externamente todo o bloco inferior.



¹² Depoimento concedido pelo arquiteto ao autor em 11 de maio de 2006.

Figura 5 – Fotomontagem com inserção urbana do edifício. Neste caso a modulação da estrutura mantém as esquinas do bloco vertical em balanço. Fonte: Acervo pessoal Gian Carlo Gasperini.

Outras soluções foram estudadas para o volume do embasamento, que nem sempre correspondia ao volume da galeria comercial. Grande parte desses estudos se deteve na solução das garagens (seu posicionamento no conjunto, esquema de circulação vertical, localização dos acessos e fluxo interno de veículos), da iluminação interna e do exterior do edifício.

Em alguns desses desenhos, o volume da galeria comercial aparece resolvido como uma caixa lateralmente fechada, mas aberta zenitalmente, eliminando qualquer relação visual com o exterior do edifício.

Outros desenhos sugerem para o mesmo problema uma solução semelhante à utilizada no edifício-sede da loja de departamentos “De Bijenkorf” (*the Beehive*) em Roterdã, projeto do arquiteto Marcel Breuer, publicado pela Revista Architectural Design, em maio de 1958.

2.4 O PROJETO PUBLICADO EM HABITAT

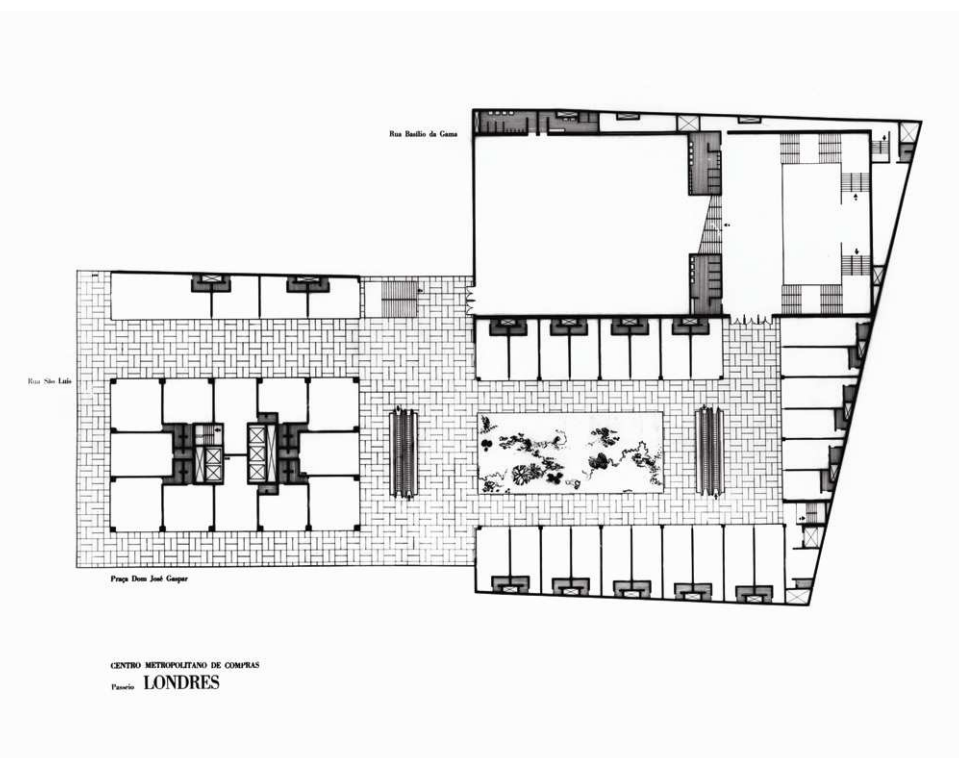


Figura 6 – Planta do pavimento térreo do projeto publicado na Revista Habitat em 1960. Fonte: Acervo pessoal Gian Carlo Gasperini.

A solução final do projeto (figura 1) manteve a separação dos acessos do edifício – já anunciada nas versões preliminares - mas deslocou o acesso da torre de escritórios para a rua Dom José Gaspar. Na época, esta via separava o espaço da praça de mesmo nome, do terreno em que foi construído o edifício, de modo que o deslocamento do acesso mantinha ainda uma ligação direta

com uma rua que, neste caso, era até mais oportuna para a acomodação dos veículos do que a avenida São Luis.

Em seqüência ao acesso do edifício, ao penetrar em seu interior nos deparamos com um pequeno hall que leva ao núcleo central de elevadores e escadas, atendendo os 23 pavimentos localizados acima do nível do passeio público e os dois níveis de subsolos destinados à garagem.

O posicionamento deste acesso na fachada da rua Dom José Gaspar resulta da extensão do corredor central, que orienta o desenho do núcleo de circulação vertical. Este núcleo é o elemento que organiza a planta do pavimento-tipo do edifício de escritórios. Em seu interior, além dos elementos de circulação vertical, foi projetada parte da estrutura do edifício que trabalha conjuntamente com os pilares posicionados em sua periferia e que percorrem os planos externos da fachada, segundo solução anteriormente defendida por Salvador Candia.

O projeto original, como demonstra a planta do andar-tipo publicada na Habitat, previa para os planos externos do edifício de escritório diferentes soluções para as fachadas, conforme a orientação da luz do sol.

Fazer no meio do centro urbano uma torre solta com quatro fachadas mais ou menos iguais, porque eu achava que elas deviam ter uma diferença devido à incidência do sol, com a estrutura toda nas pontas e no centro, hoje se tornou uma fórmula. Acho que isso foi uma lição do Mies, que também introduzi, bem como todo o salão livre e o uso tanto quanto possível do vidro para dar aos salões uma iluminação mais eficiente possível.¹³

Na cobertura do edifício, originalmente foram propostas, no nível da casa de máquinas, grandes venezianas de alumínio com a função de protegerem e uniformizarem a volumetria do bloco vertical, solução muito semelhante à executada no projeto do Edifício Seagram de Mies van der Rohe, em 1955.

Do ponto de vista urbano, a solução final dada ao projeto do Centro Metropolitano de Compras é uma evolução contínua do desenvolvimento do projeto, fato que comprova haver consenso entre os dois arquitetos a respeito da solução e relações com o entorno urbano.

A travessia interna de pedestres, a sala de cinema e a organização das lojas ao redor de um vazio central, resoluções que se mantiveram em todas as versões estudadas e no projeto final, ajustaram-se às poucas alterações que, em sua maior parte, se concentraram na região dos acessos do bloco vertical de escritórios e da garagem mantida no subsolo do edifício. E na solução final do volume, tratado de modo contínuo, abandonando-se a hipótese anterior que resolvia a altura da galeria comercial no mesmo nível do edifício contíguo, construído sobre a rua Dom José Gaspar.

¹³ Segundo depoimento prestado pelo arquiteto. In: INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL; DEP. SÃO PAULO. Arquitetura e desenvolvimento nacional: depoimentos de arquitetos paulistas. São Paulo: Pini, 1979. p. 28.

Por outro lado, este ajuste na altura do embasamento redundou no acréscimo de um nível de sobrelojas sobre a esquina. A alteração tornou ainda mais evidente a idéia do passeio que se sobrepõem às calçadas existentes, criando uma situação difusa ao interromper os limites entre o que é efetivamente público e o privado. É deste modo que o edifício inicia seu diálogo com a cidade. Não há soleira ou qualquer elemento que aponte alguma distinção entre o espaço interno e externo. Seu desenho mantém, na especificação dos materiais e nas proporções de suas áreas de circulação, as mesmas relações que o indivíduo habitualmente encontra no ambiente urbano.

Sobre a cobertura do embasamento o projeto original previa a construção de um restaurante, aberto para a paisagem da avenida São Luiz. Paisagem, aliás, presente no interior de outros restaurantes presentes em outros edifícios da avenida, como foi até recentemente o restaurante Paddock, situado na sobreloja do Edifício Zarvos; e o restaurante que ocupa a cobertura do Edifício Itália.

As varandas sobrepostas, ou como nas palavras de Gasperini, “o *passeio sobreposto*”, multiplicam literalmente em altura algo que naquele momento na região central da cidade pode ser entendido - tendo como referência os inúmeros relatos de época - como um dos costumes mais agradáveis que se poderia fazer: sentar-se em volta da mesa de um bar, numa esquina da região central e de lá ver o entorno. E da esquina ocupada pelo Edifício Metrópole ver o entorno em ângulos e em alturas que as demais esquinas não ofereciam.

Internamente, um único vazio central foi proposto no interior da galeria comercial. Sobre a laje da última sobreloja, localizada um andar abaixo do nível do passeio público, criou-se um jardim interno.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Figura 7 – Imagens da maquete do edifício com destaque a relação do embasamento com o passeio público. Fonte: Acervo pessoal Gian Carlo Gasperini.

A importância do projeto do “Edifício Metrópole e Centro Metropolitano de Compras” reside no diálogo que estabelece com seu contexto urbano, a região da Avenida São Luis, “Centro Novo” da cidade de São Paulo.

Ao longo das décadas de 1940 e 1950, a ampliação da área e, sobretudo, a sua inserção em um amplo sistema de avenidas, o Perímetro de Irradiação, incidiu diretamente sobre o equilíbrio da paisagem. As largas avenidas abertas ao longo da zona de expansão do comércio central redimensionaram parcialmente o sistema viário da região central em busca de um equilíbrio com as novas extensões que a mancha urbana assumia, integrando aquela região ao centro da cidade.

O partido arquitetônico do projeto do Edifício Metrópole nasce exatamente neste momento crucial da modernização urbanística da cidade e, principalmente, de seu Centro. A inserção urbana do edifício estabelece a mediação entre as largas avenidas projetadas por Prestes Maia, onde a legislação urbanística permitia gabaritos mais elevados, e a estrutura urbana remanescente que mantinha o padrão de urbanização anterior.

Basta olharmos para a evolução presente nos estudos desenvolvidos por seus autores e a forma como o edifício foi construído, para constatar que seu espaço arquitetônico conjuga o vocabulário arquitetônico moderno com os elementos procedentes da análise urbanística. Seu projeto é ao mesmo tempo a reparação das discontinuidades espaciais, conseqüentes das sucessivas transformações realizadas no espaço urbano. E da inovação nas relações que estabelece com o entorno urbano ao oferecer um espaço interno contínuo ao exterior no âmbito de seu embasamento, propondo, sobre este, um edifício isolado, livre das contingências da cidade tradicional.

A galeria comercial que ocupa o embasamento do edifício oferece a quem entra nos espaços do térreo, um passeio arquitetural pontuado por visuais do entorno urbano, enquadrados pelo espaço arquitetônico. Ao mesmo tempo, o percurso se mostra estratégico para a vitalidade da atividade comercial proposta em seu interior.

A quadra onde está localizado o terreno em que o edifício foi construído apresenta características muito peculiares, como a presença da rua Basílio da Gama em seu interior. Como já foi demonstrado, o partido arquitetônico do edifício nasceu de uma diretriz urbanística: a criação de uma passagem entre os passeios públicos das ruas Basílio da Gama e Dom José Gaspar.

Os elementos de circulação vertical que comunicam “os passeios sobrepostos” da galeria comercial, a escada convencional e as escadas rolantes, foram posicionados ao longo do percurso. Tal solução é, talvez, uma opção de conjugação do eixo vertical com o horizontal.

A acomodação do embasamento do edifício em seu contexto, como apontado por Robert Venturi deixa-se orientar “pelas forças exteriores, mais do que pela estrutura inerente da forma.”¹⁴

¹⁴ VENTURI, Robert. Complexidade e Contradição em Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 111.

Principalmente se ainda considerarmos que se trata de um edifício que não se revela integralmente na paisagem, por manter-se entre os volumes das edificações pré-existentes.

Os autores do projeto, arquitetos Salvador Candia e Gian Carlo Gasperini, estavam conscientes da unicidade entre a disciplina arquitetônica e a urbanística. Os depoimentos prestados por eles e as referências com as quais alimentavam sua própria obra comprovam a sintonia e vontade de fazer da arquitetura um fato concreto que expressasse qualidade ao espaço urbano existente.

*A arquitetura ocorre no encontro de forças interiores e exteriores de uso e espaço. Essas forças interiores e ambientais são, simultaneamente, gerais e particulares, genéricas e circunstanciais. A arquitetura como parede entre o interior e o exterior converte-se no registro espacial dessa resolução e em seu drama. E, ao reconhecer a diferença entre o interior e o exterior, a arquitetura abre a porta, uma vez mais, para um ponto de vista urbanístico.*¹⁵

¹⁵ Ibid. p. 119.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEVOLO, Leonardo. Origens da urbanística moderna. Lisboa: Presença, 1981.

BLAKE, Peter. Mies van der Rohe e o domínio da estrutura. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1966. (Coleção Os Grandes Arquitetos).

CANDIA, Salvador; GASPERINI, Gian Carlo. Conjunto de Edifícios "Maximus". Habitat. São Paulo, n. 59, p. 3-9, março/abril, 1960.

_____. Conjunto Metropolitano (1960). Construção São Paulo. São Paulo, n.1737, p.22, maio, 1981.

CECCO JR., Ângelo. Requalificação da Praça Dom José Gaspar e entorno: análise e diretrizes. Dissertação de Mestrado - Universidade Presbiteriana Mackenzie, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2005.

ESPALLARGAS GIMENEZ, Luis. Arquitetura paulistana da década de 1960: técnica e forma. Tese de doutoramento, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

GASPERINI, Gian Carlo. Arquitetura e Transportes. Tese de doutoramento - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.

_____. Memorial descritivo das atividades do arquiteto Gian Carlo Gasperini. Livre docência – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

_____. Arquitetura exige criatividade e competência, não interessa se é moderna ou pós-moderna. Projeto Design. São Paulo, n.276, p.4-6, fevereiro, 2003.

_____. América terra distante. Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, n. 13, p. 12-23, ago./set. 1987.

GREGOTTI, Vittorio. Território da arquitetura. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

HITCHCOCK, Henry Russell. Architektur von Skidmore, Owings & Merrill: 1950-1962. Alemanha: Verlag Gerd Hatje Stuttgart, 1962.

JONES, Cranston. Marcel Breuner: Buildings and Projects 1921-1961, London: Thames and Hudson, 1962.

KUNNI, Mariana Limeira. Salvador Candia. Trabalho de Graduação Interdisciplinar - Universidade Mackenzie, São Paulo, 1999.

LEFÈVRE, José Eduardo de Assis. Entre o discurso e a realidade: a quem interessa o Centro de São Paulo? A Avenida São Luiz e sua evolução. Tese de doutoramento - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

MAIA, Francisco Prestes. Estudo de um Plano de Avenidas para a cidade de São Paulo. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1930.

_____. Os melhoramentos de São Paulo. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 1945.

MENDONÇA, Denise Xavier de. Arquitetura Metropolitana: São Paulo década de 50. Dissertação de Mestrado - Escola de Engenharia São Carlos, Universidade de São Paulo, 1999.

MEYER, Regina Maria Proserpi. MetrÓpole e Urbanismo: São Paulo nos Anos 50. Tese de doutoramento - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

_____. A construção da metrópole e a erosão do seu Centro. Urbs, São Paulo, n. 14, p. 28-36, setembro/outubro 1999.

MEYER, Regina Maria Proserpi; GROSTEIN, Marta Dora; BIDERMAN, Ciro. São Paulo MetrÓpole. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

NESBITT, Kate (org.) Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995) São Paulo: Cosac Naify, 2006.

POMMER, Richard. In the shadow of Mies: Ludwing Hilberseimer, arcchitect, educator and urban planner. Chicago: Art Institute of Chicago/Rizzoli International Publications, 1988.

RECAMÁN, Luiz. Oscar Niemeyer: forma arquitetônica e cidade no Brasil Moderno. Tese de doutoramento – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

REIS FILHO, Nestor Goulart. São Paulo: vila cidade metrópole. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo: Bankboston, 2004.

_____. Quadro da arquitetura no Brasil. São Paulo, Editora Perspectiva, 1987.

TOLEDO, Benedito Lima de. Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo. São Paulo, Empresa das Artes, 1996.

VENTURI, Robert. Complexidade e contradição em arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

VIÉGAS, Fernando Felipe. Conjunto Nacional: A construção do espigão central. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos A. C.; CORONA, Eduardo. Arquitetura Moderna Paulistana. São Paulo, Pini, 1983.